

A PERSPECTIVA POLÍTICO-TEOLÓGICA DO JOVEM HEGEL

Pedro Geraldo Aparecido Novelli



RESUMO: Os textos do jovem Hegel representam um marco significativo na formação de seu pensamento. Um desses textos é “A vida de Jesus” que é aqui escolhido com o objetivo de investigar a perspectiva política e teológica do jovem Hegel. O texto em questão foi escrito durante o período em que Hegel foi preceptor em Berna e tinha a religião como tema de seu primeiro interesse. Nesse texto fica ainda evidente a influência da filosofia kantiana, mas também é possível reconhecer as rupturas entre Kant e Hegel. Este último reconhece na religião um instrumento poderoso de atuação política devido à sua inserção em qualquer que seja a comunidade. Nesse sentido Hegel entende que não se pode pensar uma ética que se dissocie do aspecto religioso nem de qualquer outro, pois muito embora um aspecto em particular possa não merecer toda a atenção, nenhum pode igualmente ser preterido sob o risco de não se compreender as motivações éticas existentes, pois o que possui existência deriva necessariamente de uma consciência empenhada para tanto. O Jesus “hegeliano” é a expressão da assunção da vida de seu povo assim como a razão é o todo em tudo.

PALAVRAS-CHAVE: Oposição; Conciliação; Homem; Deus.

ABSTRACT: The writings of the young Hegel are a meaningful moment in the formation of his thinking. One of these writings is “The life of Jesus” that is here taken into consideration in order to search the political and theological perspectives of the young Hegel. This text was written during the time in which Hegel was a private teacher in Bern. At that time his interest in religion was quite remarkable. The influence of Kant’s philosophy upon Hegel’s thinking in this text is very strong, but it is also possible to note the beginning of the separation between both thinkers. Hegel reckons religion as an powerful political instrument due to its importance in any organized community. In this way an ethic cannot be thought away from the religious aspect or from any other one. In fact one aspect may deserve more attention than another one but it does not mean that some could be despised. The challenge is to bring together what has been put apart. The Jesus by Hegel is the expression of the assumed life of his people as well as the reason is everything in all.

KEYWORDS: Opposition; Reconciliation; Man; God.



1. INTRODUÇÃO

Normalmente as obras de juventude de um autor recebem essa denominação quando ele atinge a maturidade e os textos desse período são, então, comparados aos primeiros. Não invariavelmente “atingir a maturidade” remete a um período anterior possivelmente carente da mesma maturidade. Essa consideração inicial se aplica de forma ambivalente a Hegel, pois os escritos juvenis não se caracterizam pela falta de profundidade nem de qualidade, nem de lucidez. Por outro lado, as obras da idade madura refletem, em Hegel, a atenção prestada ao movimento histórico e ao seu acompanhamento.

Isso pode indicar um certo abandono do que precede, mas, novamente, tal perspectiva seria equivocada em Hegel já que a idéia de superação no sistema filosófico hegeliano contempla sempre o levar adiante, o melhorar e elevar o anterior. Por isso, caracterizar alguns textos de Hegel como menores pode não ser adequada. Mas, o que dizer quando a obra da juventude é um escrito cujo tema é a religião? Jovens e velhos parecem se aproximar do tema e da prática sem muita dificuldade nem pudor. O que se tem aqui é ainda mais curioso, pois se trata não somente de um texto sobre religião, mas sobre “A vida de Jesus”. Aparentemente seria o evangelho segundo Hegel.

A boa nova proposta por Hegel é, no entanto, a de um Jesus encarnado por inteiro na humanidade e, de tal forma, que em momento algum a questão da divindade é levantada. Por que? Hegel a toma por certa? Seria irrelevante? Hegel não desconhece a longa tradição que sugere a humanidade brotando da divindade, mas seu ponto de vista juvenil (imaturo?) parece sugerir que do humano brota o divino!

2. JESUS HEGELIANO

“A vida de Jesus” escrita por Hegel pertence aos escritos de juventude do referido pensador (Hegel, 1907). Este texto foi elaborado por Hegel durante seus anos como preceptor em Berna (1793-1796). Segundo Nohl o texto foi escrito entre 9 de maio e 24 de julho de 1795. Muito embora a temática apresentada por Hegel aqui seja marcadamente teológica, a compreensão da reflexão aqui proposta, é a de que nesse texto Hegel já demonstra seus interesses políticos. A opinião comum entre os intérpretes (Fulda, 2003; Hoffmann, 2004) é a de que se trata de um escrito no qual a influência da filosofia kantiana sobre Hegel pode ser claramente evidenciada. Em especial Hegel deixa-se influenciar pela perspectiva da moral kantiana. Contudo, o mesmo texto permite apontar indícios de ruptura em relação a Kant (Hoffmann, 2004). O uso feito por Hegel dos fundamentos da moral kantiana aponta para a contradição entre a realidade empírica e a racional. O “Jesus” hegeliano se mostra como aquele que age não pela dicotomia entre realidades diferentes (Hegel, 1907, p. 4).

Deve-se lembrar que em Kant não há reconciliação satisfatória entre a realidade empírica e a racional. Aliás, tal reconciliação, quando implantada, será sempre a adequação do empírico ao racional. O Jesus apresentado por Hegel é alguém engajado politicamente na vida e história de seu povo. Hegel entende tal engajamento no fato de que Jesus não teve sua vida tirada, mas esta foi entregue por ele seguindo uma escolha determinada não por uma lei exterior à sua vontade, mas com a qual se identificava. Para Hegel, Jesus traduz em sua prática histórica o ser livre no que se faz e não somente porque se faz. Assim, a liberdade não é uma instância interiorizada que, quando tem condições se efetiva, mas que se reconhece em tudo o que faz e igualmente em tudo que não pode fazer. Aqui os limites não são a negação da liberdade nem seu

impedimento, mas o reconhecimento de uma existência na coletividade que resulta no estabelecimento de determinações e na superação da arbitrariedade (Hegel, 1907, p. 4-5). Por isso, o “Jesus” hegeliano não faz o que quer, mas quer o que faz. Ele não é um inseqüente, mas alguém que arca com as seqüências de seus atos. Por um lado, Kant é contemplado nesse momento, pois o agir de Jesus não faz concessão alguma. Por outro lado, Jesus é mais “hegeliano” porque não põe a própria em risco movido pela pura racionalidade.

“A vida de Jesus” não é a descrição de um teatro. É a vida de um homem em todos os sentidos que expressou em si a vida de seu povo. Seu agir impressionou os seus porque ele mesmo era um deles e expôs as possibilidades de ser diferentemente do que se podia ou devia ser. Hegel pouco ou quase nada enfatiza algo a respeito da divindade de Jesus. Pelo contrário, Hegel está interessado na humanidade de Jesus a qual nunca é exposta como sendo pouca coisa. A dimensão divina parece saltar da humanidade dessa figura histórica.

A razão, pura, incapaz de qualquer limitação, é a divindade mesma. O plano cósmico está ordenado, pois em conformidade com a razão; é esta a que ensina ao homem a conhecer seu destino, a finalidade incondicional de sua vida; ainda que com freqüência tenha estado obscurecida, nunca se extinguiu por completo e até nas trevas se conservou um tênue resplendor (Hegel, 1907, p. 1).

Hegel indica João como o que por primeiro reconheceu esta dimensão da razão e que também chamou a atenção dos homens para o que precisariam buscar em si mesmos e não em algum outro lugar ou situação. O desprendimento proposto por João era a condição estratégica para que a dignidade humana fosse percebida. Não seria através do acúmulo de bens e pela busca da felicidade que o valor do homem se revelaria.

O próprio Herodes teria atentado ao discurso e alerta do Batista.

O Jesus que se deixa batizar por João assume a perspectiva do valor humano que se transforma na missão de uma vida. Hegel exalta a realização de Jesus que não é outra senão a promoção do homem e de sua vida: “Maiores méritos são os adquiridos por Cristo em prol do aperfeiçoamento das corrompidas máximas dos homens e em favor da autêntica moralidade e da perfeita adoração de Deus” (Hegel, 1907, p. 1).

A divindade não pode ser adequadamente respeitada numa situação de opressão ou miséria humana, pois aquele que dirige o respeito à divindade não experimenta isso em sua existência. Certamente, Deus poderia ser encontrado numa tal situação, porém a diminuição do homem é a concomitante diminuição de Deus. Deve-se sempre lembrar que o “Jesus” hegeliano não aparece divinamente senão na sua humanidade! Por isso, ele se identifica com os despossuídos e não com os grandes de seu tempo (Hegel, 1907, p. 10).

O “Jesus” hegeliano orienta-se pelo dever (*Sollen*), mas não dissocia essa referência de suas ações e opções, isto é, não se atém ao dever pelo dever. A adoração não deve se fundamentar na formalidade. O querer deve ser sua fundamentação e conteúdo (Hegel, 1907, p. 8). Evidencia-se que a perspectiva de Jesus e de seus contemporâneos não era a mesma. Hegel assume isto ao relatar a pergunta dos sumo sacerdotes sobre a divindade de Jesus assim como a resposta deste: “Então, te conjuro pelo Deus vivo que nos diga se és um homem santo, um filho da divindade. Jesus respondeu: ‘Sim, eu sou. E a este homem depreciado, que se consagrou à divindade e à virtude o vereis um dia revestido em glória e elevado acima das estrelas” (Hegel, 1907, p. 57-58). Por isso, ele foi condenado, crucificado, morto e enterrado.

No início do texto “A vida de Jesus” Hegel registra o fato de que Jesus “tinha interesse por

questões religiosas” (Hegel, 1907, p. 4). Os judeus na época de Jesus não faziam, distinção entre religião e política. A classificação, operada na atualidade entre o social, a economia, a política e a religião, encontrava-se sob o conceito de Deus e da lei (Nolan, 1996, p. 93). A separação entre política e religião fundamenta a separação entre dois mundos: terreno e celestial. Assim, a vida terrena é entendida como uma preparação para uma outra vida. A vida celestial não seria uma continuação da vida terrena, mas a verdadeira vida. Além disso, as duas dimensões teriam suas próprias obrigações e orientações.

Desse modo, pode-se estabelecer uma hierarquia entre os mundos citados. O “Jesus” hegeliano não se furta em relação a nenhum aspecto da vida de seus contemporâneos. Não há nenhuma situação que possa ser excluída da ação da razão que, segundo Hegel, Jesus representa. A razão somente se universaliza se é toda em tudo e, para tanto, precisa contemplar as particularidades com as quais se depara e, que não podem se constituir em limites ou exclusões para si. Nesse sentido, o Deus de Israel é a confirmação da relação de um povo com seu Deus. Este Deus é posto como o todo para o qual nenhuma limitação para sua presença existe.

O “Jesus” hegeliano é um homem de seu tempo e, por isso, atento à situação na qual seu povo se encontra. Nessa linha Hegel vê que esse Jesus não incita ao enfrentamento dos romanos, pois a ruptura com uma dominação externa não substitui a dominação, também em curso, entre os membros do próprio povo. Hegel se serve do Batista para exemplificar esse aspecto. “João convida eu povo para um fim maior do que a satisfação vazia e à espera pelo re-estabelecimento do esplendor do reino judaico” (Hegel, 1907, p. 4). É esse convite de João que Jesus, segundo Hegel, realiza em sua atividade em meio ao seu povo. A razão atenta para a história e as necessidades que daí advém. Para Hegel, enquanto os fariseus reduzem a história e seus acontecimentos às suas perspectivas, a razão,

personificada pelo “seu” Jesus, abarca a eticidade que brota da mesma história. Jesus é a vontade livre que quer a liberdade e que, portanto, a torna efetiva, isto é, real. O mundo, para esse Jesus, é um resultado e não uma realidade intocável. “Chegará o tempo, e, de fato já chegou, no qual os autênticos adoradores de Deus, o pai universal, adorarão no verdadeiro espírito da religião” (Hegel, 1907, p. 9).

O que seria tal “verdadeiro espírito”? Num primeiro momento a religião somente se universaliza no âmbito do espírito o que exige a superação da positividade formalista tão enfatizada pelos fariseus. Não é suficiente a observância da lei e dos costumes se estes resultam no desconhecimento das exigências e necessidades humanas. Num segundo momento a religião não é o sacrifício do humano, mas a valorização deste enquanto obra maior da criação: “(...) meus amigos, não temam os homens que podem matar o corpo, cujo poder não pode ser se estender além disso; temam, sim, aqueles que podem jogar por terra a dignidade de seus espíritos” (Hegel, 1907, p. 32).

O “Jesus” hegeliano afirma a realidade do pensamento na ação e a realidade da ação no pensamento. Em outras palavras, não basta a afirmação da dignidade humana no pensamento que não se traduz na sua efetivação. A dignidade que não se realiza de fato não passa de mera abstração ou de afirmação vazia. Por outro lado, não é suficiente igualmente o fazer que executa uma formalidade na qual não se reconhece, mas que tão somente teme pela sua não realização. A ação deve mostrar o pensamento e, este deve ser a tradução da ação. A ação não é suficiente e não contém em si o resumo da realidade, mas a sua desconsideração não possibilita a realização do pensado.

O pensar não é a negação da ação, mas a sua elevação ao nível da universalidade. Essa é a segunda natureza à qual todo homem deve se dirigir conforme o diálogo que Hegel apresenta entre Jesus e Nicôdemus: “O homem, enquanto

tal, não é simplesmente uma essência sensível. Sua natureza não é mero instinto limitado pela busca da satisfação. O homem é também espírito, um estágio da essência divina” (Hegel, 1907, p. 7). A razão não é a negação nem o abandono do mundo empírico. A razão não somente reconhece o mundo, mas também se reconhece nele. Ela se sabe não plenamente realizada no mundo empírico, mas sabe que somente aí tem sua possibilidade de ser o que é, ou seja, presença efetiva.

De igual modo o “Jesus” hegeliano não se estranha no mundo, mas é a promoção do estranhamento do próprio mundo o qual somente tem sua plena consciência através de sua exposição. Essa exposição é mediada. Hegel toma a figura de Jesus como a mediação pela qual o mundo conhece a si tanto como um outro quanto como o outro possível.

O relato da vida de Jesus por Hegel termina com o sepultamento. Hegel não permite qualquer inferência para algo que se suceda à morte de Jesus. As conseqüências, se porventura acontecerem, serão a confirmação de uma nova vida ou da vida de Jesus que ressurge nos seus seguidores. De acordo com Albert Nolan, em seu “Jesus antes do cristianismo”: “Seus discípulos perceberam que continuavam a se reunir mesmo após a morte de seu mestre. Isso só faria sentido se de alguma forma ele continuasse vivo e presente entre eles”. Segundo Hegel, se a plenitude da razão se encontra na efetivação histórica da liberdade, então poder-se-ia dizer que quando dois ou três estão reunidos pela razão, a liberdade se realiza!

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos do jovem Hegel não se situam entre os mais lidos nem evocados pelos intérpretes. No entanto, a publicação póstuma dos mesmos produziu enorme repercussão entre os mesmos intérpretes que reconheceram a necessidade de considerar diversamente as

denominadas obras da maturidade, em especial, a “Fenomenologia do Espírito”.

Após Hegel haver concluído seus estudos teológicos em Tübingen, a religião continuou a ser tema de seu interesse mesmo quando atuou como professor particular em Berna. “A vida de Jesus” não é a única obra desse período, e talvez nem a mais significativa; mas a sua ausência deixaria certamente uma lacuna no mosaico que os primeiros textos hegelianos compõem. Esses revelaram a preocupação antropológica de Hegel, desdobrada nas suas ramificações histórico-sociais, religiosas e até econômicas. Além disso, estudos mais recentes, como de Bondeli (1997, 1999), permitem atestar a intenção, já presente no jovem Hegel, da construção de um sistema filosófico.

Particularmente o texto “A vida de Jesus” confirma a influência inicial da filosofia kantiana sobre o jovem Hegel. Posteriormente, o próprio Hegel estimularia seus alunos a lerem Kant com atenção. Contudo, já nos primeiros escritos, como é o caso do texto analisado aqui, Hegel apresenta indícios de seu afastamento em relação a Kant. Exemplo desse distanciamento encontra-se no tratamento dado por Hegel à moralidade que em Kant encontra-se sempre num estado de conflito entre o que deve ser e o que é. A solução kantiana é a da submissão da natureza ao espírito e dos sentidos à razão, pois estas são instâncias irreconciliáveis em Kant.

Hegel expõe essa contradição através de um Jesus que também se encontra afligido pelas exigências da razão e pelos impulsos dos sentidos. No episódio das tentações, Hegel mostra um Jesus que se pauta pela autodeterminação, pois se não há como condenar os apetites da carne, não se pode, porém, permitir que estes governem. Hegel não apresenta um Jesus que vive nesse mundo como se não vivesse nele, pois ele não somente aponta a direção ideal, mas também interfere no real para corrigi-lo e não simplesmente abandoná-lo por estar perdido ou afastado do ideal.

Se Hegel não resolve plenamente a contradição kantiana, em “A vida de Jesus” ele já “reconhece” aí o caminho, pois a realização de uma comunidade ética que já ocupava os interesses hegelianos é vislumbrada como uma possível expressão do denominado “Reino de Deus”. Em carta dirigida a Schelling em janeiro de 1794 —antecedendo, portanto, a composição de “A vida de Jesus” — escreve Hegel que “A Igreja invisível é o ponto de união, razão, liberdade e de solução” entre o existente, isto é, uma comunidade dada, e o idealizado, ou seja, o reino de Deus. A solução (*Lösung*) pensada por Hegel entre realidades diferentes é o estabelecimento da direção rumo à superação (*Aufhebung*) que se dará nas obras da maturidade.

T & M

Texto recebido em maio de 2006. Aprovado para publicação em julho de 2006.

NOVELLI, Pedro Geraldo Aparecido. “A perspectiva político-ideológica do jovem Hegel”. *Revista Temas & Matizes* - Unioeste - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - Vol. 5 - Nº 9 - 1º Semestre de 2006, p. 105-110.

4. SOBRE O AUTOR

Pedro Geraldo Aparecido Novelli cursou pós-doutorado na Universidade de Ruhr, em Bochum (Alemanha). Docente do Departamento de Educação do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista - UNESP - Campus de Botucatu/SP. Endereço eletrônico: pnovelli@ibb.unesp.br.

5. REFERÊNCIAS

- BONDELI, M. *Hegels Denkontwicklung in der Berner und Frankfurter Zeit*. Wilhelm Fink: München, 1999.
- . “Hegels Philosophische Entwicklung in der Berner Periode”. In: SCHNEIDER, H.; WASZEK, N. (Hrsg.). *Hegel in der Schweiz (1793-1796)*. Peterlang Verlag: Frankfurt am Main, 1997.
- FULDA, H. F. G. W. F. *Hegel*. Verlag C. H. Beck: München, 2003.
- GESSMANN. *Hegel*. Herder: Freiburg, 2006.
- HEGEL, G. W. F. *Historia de Jesús*. Trad. Santiago González Noriega. Taurus: Madrid, 1975.
- . *Briefe von und an Hegel*. Herausg. von Friedhelm Nicolin. Akademie Verlag: Berlin, 1978.
- . *Das Leben Jesu*. Herausg. Von Herman Nohl. Verlag Mohr: Freiburg, 1907.
- HOFFMANN, T. S. *Hegel: eine Propädeutik*. Marixverlag: Weisbaden, 2004.
- NOLAN, Albert. *Jesus before christianity*. New York: Orbis Books, 1996.
- WIEDMANN, F. *Hegel*. Rowohlt: Hamburg, 1999.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

REVISTA TEMAS & MATIZES

Versão eletrônica disponível na internet:

www.unioeste.br/saber